

O 'VOCÊ' EM CONTEXTOS SINTÁTICOS DE COMPLEMENTAÇÃO E DE ADJUNÇÃO EM MISSIVAS MINEIRAS (SÉC. XX)

*The 'você' in syntactical contexts of complementation and adjunction in
mineiras letters (20th century)*

*Iracema Aguiar da Cruz**

*Márcia Cristina de Brito Rumeu***

RESUMO: Uma vez que estudos apontam a função de *sujeito* como principal porta de entrada de formas nominais gramaticalizadas ao sistema pronominal do Português Brasileiro, este trabalho dedica-se a analisar a produtividade de *você* em contextos de *complementação* e de *adjunção* ao verbo e ao nome. Serão observadas as estruturas de *acusativo*, *dativo*, *obliquo complemento* e *obliquo adjunto* acionados por predicadores verbais e as relações de *complementação* e de *adjunção* correlacionadas aos predicadores nominais. Esta análise é metodologicamente orientada pela sociolinguística laboviana (LABOV, 1994) com foco na escrita culta registrada em missivas familiares mineiras produzidas durante o século XX. Os resultados obtidos evidenciam uma maior produtividade do *você* em contextos de *complementação* projetado, majoritariamente, por predicadores verbais. Quanto às funções sintáticas mais propícias ao uso dessa forma inovadora, os maiores índices percentuais são de *dativo* para aquelas formas acionadas por núcleos verbais e de *complemento* para as acionadas por núcleos nominais.

Palavras-chave: Variação *você/tu*; Acusativo; Dativo; Oblíquo.

ABSTRACT: *Considering that studies indicate the subject as main input of grammaticalized nominal forms to pronominal system of Brazilian Portuguese, this work aims to analyze the productivity of 'você' in context of 'complementation' and 'adjunction' to verb and noun. The structures of 'accusative', 'dative', 'oblique complement' and 'oblique adjunct' triggered by verbal predicates will be examined, also the 'complementation' and 'adjunction' correlated to nominal predicators. This analysis is methodologically guided by Labovian sociolinguistic (LABOV, 1994) focusing on formal written recorded in family letters from Minas Gerais (Brazil) composed in 20th century. The results show a major use of 'você' in contexts of complementation, projected mainly by verbal predicates. As concern the syntactic*

* Mestranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; iacruz021@gmail.com

** Professora Doutora da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; marciarumeu@uol.com.br

functions more conducive to the use of innovative 'você', the highest percentage rates are 'dative' to those forms triggered by verbal nuclei and complement to those forms triggered by nominal nuclei.

Keywords: *Variation você/tu; Accusative; Dative; Oblique.*

Introdução

As análises desta pesquisa estão voltadas à produtividade do *você* em contextos de *complementação* e *adjunção* ao verbo e ao nome, com foco na escrita culta registrada em missivas familiares de autores mineiros produzidas ao longo do século XX que se encontram sob a guarda do Acervo dos Escritores Mineiros, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Resultados de outros estudos atestam que a função sintática de *sujeito* foi a principal porta de entrada de expressões nominais que sofreram processo de gramaticalização, como o *você* e o *a gente*, ao sistema pronominal do Português Brasileiro (doravante PB), de acordo com pesquisas realizadas por Rumeu (2013), Silva (2012), Souza (2012), Lopes e Cavalcante (2011), Vianna (2011). Mais especificamente sobre a inserção do *você* no sistema do PB, foco desta investigação, outros trabalhos comprovam, em diferentes regiões do país, que o *você* começou a superar as ocorrências de *tu* na função de *sujeito*, principalmente, a partir da primeira metade do século XX (DUARTE, 1995; MACHADO, 2011; SOUZA, 2012; RUMEU, 2013). Em virtude do exposto, o objetivo deste trabalho é verificar outros ambientes sintáticos através dos quais o *você* se inseriu e se espalhou gradativamente no sistema do PB, ou seja, utilizando outras relações gramaticais como pontes de acesso ao sistema, diferentes da função de *sujeito*.

Este estudo tem como motivação a necessidade de contribuir para o mapeamento da trajetória sintática realizada pelo *você* no PB. Em face da importância histórica dos documentos analisados, uma vez que se trata do registro linguístico de autores seguramente mineiros, bem como da relevância das evidências linguísticas inscritas em um *corpus* constituído por um gênero textual que, apesar de ter como característica a marca de informalidade das relações interpessoais expostas ali, foi produzido por autores comprovadamente cultos, busca-se, neste trabalho, esclarecer as seguintes questões: (i) em que relações gramaticais, de *complementação* ou de *adjunção*, o *você*

adentrou o sistema do PB mais veementemente?; (ii) nessas relações, acionado por qual núcleo lexical, verbal ou nominal, o *você* seria mais recorrente?; (iii) qual função sintática é mais propícia ao uso da forma inovadora?

A hipótese que impulsiona este trabalho diz respeito ao *paralelismo formal e semântico*, visto que já foi apontado como uma das variáveis mais expressivas para a variação *nós/a gente* no PB nos trabalhos de Omena (1986, 1996, 2003), Lopes (1993), Mendonça (2010), Vianna (2011), entre outros. Essas pesquisas demonstraram uma maior produtividade de ocorrência da forma inovadora *a gente* quando há realização anterior dessa mesma forma na sequência discursiva. Isso significa que os falantes tendem a repetir sua realização, principalmente quando não há mudança de referente, esteja o precedente na função de *sujeito* ou em outras funções sintáticas, como é possível perceber nos exemplos de Vianna e Lopes (2012):

(06) Antecedido por *a gente* sujeito

“... se *a gente* paga impostos é pra esse dinheiro ser revertido em benefícios *pra gente*...” (dado 3, Copa MA2)

(07) Antecedido por *a gente* em outras funções sintáticas

“... ele não sabia administrar o dinheiro dele é o que minha mãe conta *pra gente* porque eu também era muito pequena eu não lembro... ele ele trabalhou em muitas firmas boas se ele soubesse administrar o dinheiro dele... ele vinha ele vinha negócio de de restaurante trabalhou por exemplo/ tem meus tios que são irmão dele... todos eles têm uma vida razoável são taxi:sta... têm uma vida mais ou menos melhor do que a *da gente* né...” (dado111, Nova Iguaçu FA2) (VIANNA e LOPES, 2012, p. 149).

Do mesmo modo, o *paralelismo* mostrou-se profícuo para os resultados de Rumeu (2013), evidenciando a produtividade do *você* *sujeito*, quando precedido por formas de terceira pessoa (doravante 3P) (*seu, lhe, você*). Logo, acredita-se que esse processo também ocorra nos dados de *você não-sujeito* coletados para esta pesquisa, seja precedido por: (i) *você* na função de *sujeito* (“[...] **Você** terá de recolher a importância, explicando por que razão o faz e cuidando de *obter* um recibo **para Você** próprio, por via das dúvidas. [...]” (AR - SL - 16.10.1989)); (ii) *você* em outras funções sintáticas ([...] ...enquanto espero o almôço aproveito para dar uma prosinha **com você**. Fiquei encantada com a *conferência* da Gabriela **sôbre você**; [...]) (MJL - L - 05.04.1944)); (iii) outras formas de terceira pessoa, tais como *lhe, se, seu/sua, o/a* (“[...] Todos de casa enviam-**lhe** lembranças. [...] *Peço* a benção a vovó e vovô e **a você** [...] (CLB - L - 09.09.1946)).

A fim de alcançar os objetivos propostos, respondendo às questões norteadoras, e verificar a validade da hipótese aventada, estruturou-se este estudo em cinco partes. Nesta primeira parte, a introdução, apresenta-se o fenômeno a ser observado, a saber, o *você* em contextos de *complementação* e *adjunção* ao verbo e ao nome, tendo como ponto de partida os estudos que apontam a função de *sujeito* como principal ambiente sintático de entrada dessa forma; as questões motivadoras e a hipótese a ser verificada. Em seguida, expõem-se os critérios norteadores e os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista (LABOV, 1994; 2008 [1972]) que conduziram esta análise. Posteriormente, são apresentados e discutidos os resultados gerais acerca da entrada do *você* pelas funções sintáticas de *complementação* e *adjunção*, e, por fim, são tecidas as considerações finais.

1 Critérios norteadores

A tradição gramatical sofre algumas críticas pela maneira como classifica seus complementos verbais. O Objeto Direto (doravante OD) é classificado, segundo essa tradição, como o complemento de um verbo transitivo direto ao qual se liga sem auxílio de preposição¹, e o Objeto Indireto (doravante OI) como o complemento de um verbo transitivo indireto projetado com exigência de preposição. Contudo, em uma frase como *Preciso de conselhos*, o argumento interno *de conselhos* não possui a característica de verdadeiro OI, uma vez que não pode ser substituído por *lhe* (ROCHA LIMA, 2011, p. 311), não tem papel semântico de *beneficiário*, *alvo* ou *fonte* nem carrega necessariamente o traço de *animacidade*. Apesar de Rocha Lima já apontar essa diferença em 1957, em sua primeira edição da “Gramática Normativa da Língua Portuguesa”, mesmo antes da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), esta agrupa esses complementos verbais com estruturas notadamente distintas sob a mesma classificação, *objeto indireto*, além de relacioná-los apenas aos verbos transitivos diretos (VTD) e verbos transitivos diretos e indiretos (VTDI). Por essa razão, este estudo não

¹ Cunha e Cintra (2007, p. 156) citam alguns casos de OD preposicionado: a) com verbos que exprimem sentimentos: “Não amo **a ninguém**, Pedro. (C. dos Anjos, M, 196.)”; b) para evitar ambiguidade: “Sabeis, que **ao Mestre** vai matá-lo. (M. Mesquita, LT, 66.)”; c) quando vem antecipado: “**A homem** pobre ninguém roube.”; d) quando expresso por pronome pessoal oblíquo tônico: “Não **a tí**, Cristo, odeio ou te não quero. (F. Pessoa, OP, 218)”.

segue a classificação tradicional, mas adotou-se a aqui a noção semântica de predicador defendida por Mateus *et al.* (2003).

De acordo com Duarte e Brito (2003, p.183 *apud* Mateus *et al.*, 2003), “o termo ‘predicado’ pode ser também usado para referir a noção semântica de **predicado**, **predicador** ou **palavra predicativa**, recobrando neste caso toda e qualquer palavra que tenha argumentos, lugares vazios ou valência própria.” Para as autoras, além dos verbos que “são, nas línguas naturais, palavras predicativas por excelência”, outras palavras como *destruição* (substantivo), *fiel* (adjetivo), *para* (preposição) e *longe* (advérbio), por exemplo, também são predicativas, uma vez que acionam argumentos próprios. Perguntas como *quem destruiu?*, *o que é que foi destruído?*, *quem é fiel?*, *a quem dada entidade é fiel?* são acionadas pelo conhecimento linguístico e de mundo do indivíduo, ao serem enunciadas as palavras *destruição* e *fiel*, respectivamente. Por outro lado, os *adjuntos* “são unidades que fazem parte da interpretação situacional, mas não dependem de nenhum item lexical presente na frase” (DUARTE e BRITO, 2003, p.184 *apud* MATEUS *et al.*, 2003). Exemplos desse tipo ocorrem com expressões de tempo e algumas de localização espacial, como se observa no exemplo dado pelas autoras: “Comprei marcadores de livro [no Museu Marmotan].”.

Partindo, portanto, da noção semântica de predicador empregada por Duarte e Brito (2003, p.183 *apud* Mateus *et al.*, 2003), usou-se *complementação* para as formas exigidas pela palavra predicativa (verbo ou nome), inclusive *complementos oblíquos*; e *adjunção* para as não exigidas. Serão estudadas as formas correlacionadas tanto aos predicadores verbais quanto como aos nominais.

No que se refere aos termos projetados por predicadores verbais², este estudo estará voltado para as estruturas de *acusativo*, *dativo* e *oblíquos*. Entende-se por *construções acusativas* aquelas que complementam o verbo na função de OD. Elas constituem, conforme Duarte (2003, p.284 *apud* Mateus *et al.*, 2003), os argumentos internos diretos dos verbos de dois ou três lugares e denotam o papel semântico típico de *tema*, além de serem (cf. ROCHA LIMA, 2011, p. 299) cliticizáveis na forma dos pronomes oblíquos átonos *o/a* (e flexões de número *os/as*), como se observa neste exemplo da amostra coletada: “[...] Não *convocamos* **Você** para ficar lá conosco porque não há comodo.[...]” (AR - BH - 07.03.1940).

² Nas amostras exemplificativas expostas, os predicadores verbais estão grafados em itálico e os termos por eles projetados estão em negrito.

As *estruturas dativas* contemplam os tradicionais OI, argumentos internos dos verbos de dois ou três lugares cujo papel semântico é o *alvo* ou *fonte* com o traço semântico [+ animado]³ (DUARTE, 2003, p. 289 *apud* MATEUS *et al.*, 2003), cliticizáveis em um *lhe* (cf. ROCHA LIMA, 2011, p. 311) , como se verifica em: “[...]...mas eu *peço* licença **a você** para preferir ou pôr em primeiro lugar o poema das pags. 57 e 58... [...]” (AR - BH - 08.09.1993).

As *estruturas oblíquas* se aproximam das *estruturas dativas* pelo fato de serem regidas por preposição. Em contrapartida, os *oblíquos* não ativam cliticização (*lhe*) como requer o OI (*dativo*) e correspondem à noção de *complemento relativo* prescrita por Rocha Lima (2011). De acordo com Duarte (2003, p. 294 *apud* Mateus *et al.*, 2003) possuem relações gramaticais oblíquas tanto os argumentos obrigatórios do predicador verbal (“[...] Andava com vontade de *conversar com você*...[...]” (HL - BH - 31.07.1975)), como os adjuntos (“[...] *Quebro para você* o meu habito carranca...[...]” (JL - L - 23.10.1924)).

Quanto aos predicadores nominais, serão observadas as relações de *complementação* (“[...] Ia esquecendo de contar-lhe que Marília está cada vez mais *parecida com você*. [...]” (MV - C - 22.07.1877)); e também as relações de *adjunção* ao nome (“[...] já mandei ao Albano relatorio de minha *carta anterior a Você*... [...]” (AR - SL - SD)).

Dentre os fatores linguísticos, serão observados neste estudo: (i) o núcleo (verbal ou nominal) favorecedor da forma inovadora *você* em contextos de *complementação* e *adjunção*; (ii) as relações gramaticais (*acusativo, dativo, oblíquo complemento, oblíquo adjunto*) em que o *você* ocorre mais insistentemente; e (iii) *paralelismo formal e semântico*. Quanto aos fatores sociais (extralinguísticos), será controlado, para esta análise, apenas o período de tempo (século XX).

2 Pressupostos Teórico-Metodológicos

³ A autora afirma que podem ocorrer objetos indiretos com o traço [-animado] nos seguintes casos:
 “— com certos predicadores de dois lugares, como acontece com *obedecer, sobreviver (obedecer ao regulamento, sobreviver ao massacre)*;
 — com *dar* ou *fazer*, seguido de um objeto directo cujo núcleo seja um nome deverbal:
 (26) (a) A Maria deu [uma pintura]_{OD} [às estantes]_{OI}”.

As correntes estruturalista e gerativista compreendiam a língua como um sistema homogêneo, estático e uniforme. Contudo, essa visão é insuficiente para responder questões relacionadas à mudança linguística, pois, considerando que o sistema linguístico é homogêneo e invariável, como explicar o fato de que as línguas variam e, em determinadas condições, mudam?

O modelo sociolinguístico propõe que a variabilidade é intrínseca às línguas humanas e está suscetível às pressões sociais. Sendo assim, a língua não pode ser estudada fora de seu contexto social, e o foco da investigação passa a ser o falante real inserido dentro da comunidade de fala. Por esse motivo, Labov (2008 [1972], p.13), principal nome dessa corrente que se estabeleceu no fim da década de 60 do século XX, relutava em aceitar o termo “sociolinguística”, uma vez que este pressupõe uma teoria linguística bem-sucedida que não seja social.

Pelas razões descritas acima, este trabalho toma como base teórica os pressupostos sociolinguísticos da *Teoria da Variação e Mudança* de Labov (1994). A heterogeneidade da língua, hoje já não considerada um caos, reflete a heterogeneidade social que permeia diferentes épocas, grupos, culturas e está presente nos diferentes segmentos da língua (fonético, morfológico, sintático, semântico *etc.*). No entanto, a variação não acontece ao acaso, ela está relacionada a fatores linguísticos e extralinguísticos (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968).

Um pressuposto básico da sociolinguística laboviana é o de que a variação é um fenômeno constante nas línguas humanas, o que implica dizer que, da mesma forma que a língua varia e muda no presente, ela também variou e mudou no passado. Assim, a análise de sincronias passadas da língua pode explicar mudanças estruturais no presente. Diante disso, este trabalho propõe a análise de cartas mineiras produzidas durante o século XX, a fim de verificar, nessa sincronia passada, em que estágio estava o *você* nas ambiências sintáticas de *complementação* e *adjunção*, uma vez que Peres (2006) afirma que essa forma é a preferida no português mineiro falado atualmente em Belo Horizonte nas funções de *objeto de verbo* e *objeto de preposição*, sendo bastante usada ainda como estratégia de focalização, a fim de dar ênfase.

Conforme Labov (2008 [1972], p.13), “a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala - a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social”. Contudo, ao decidir realizar um estudo histórico em

sincronias passadas, o linguista esbarra na dificuldade e, a depender da época, na impossibilidade de encontrar dados orais de fala. Uma maneira de conseguir minimizar essa falta de dados é recorrer a documentos escritos que, mesmo não sendo reprodução da fala, conseguem registrar formas linguísticas que já eram evidentes na oralidade.

A escolha do gênero carta pessoal (missivas trocadas em relações familiares) que constituem o *corpus* deste estudo deu-se em função de este ser, dentre as possibilidades de textos disponíveis para estudos diacrônicos, aquele que mais se aproximaria da língua falada. De acordo com a concepção de Biber (1988 *apud* Marcuschi, 2000), os gêneros são geralmente determinados com base nos objetivos dos falantes e na natureza do tópico tratado, sendo assim, apesar de os informantes serem notoriamente pessoas cultas, as cartas trocadas por eles expressam situações mais informais, ou seja, o caráter informal dos assuntos que os levaram a escrever entre si possibilita o registro de termos da oralidade.

Assim sendo, este trabalho está fundamentado em 202 formas do paradigma *tu/você* em contextos de *complementação* e *adjunção*, oriundos de 88 cartas familiares produzidas ao longo do século XX, e seus resultados foram processados e obtidos a partir do programa computacional de regras variáveis Goldvarb (2001). Todas essas missivas estão sob a guarda do Acervo dos Escritores Mineiros, da Universidade Federal de Minas Gerais, e constituem um *corpus* de edição diplomático-interpretativa, em fac-símile, objetivando estritamente o estudo linguístico do registro, ou seja, sem haver qualquer tipo de interferência, seja no que diz respeito à acentuação, pontuação ou grafia na expressão escrita dos missivistas.

4 Análises e resultados

Com base na amostra descrita, foram levantados dados do paradigma *tu/você* usados em situação de *complementação* e *adjunção* ao verbo e ao nome, em referência à segunda pessoa (doravante 2P), controlando-se (i) as formas de *você*, como no exemplo retirado da amostra “[...] Não decidirei nada sem nenhum dos ilustradores, sem disso *dar conhecimento* prévio **a você**. [...]”; (ii) formas de *tu*, como em “[...] Somente agora é que consegui obter uma pequena folga, afim de **te escrever**.”; e (iii) realização *zero*, ou seja, quando a *complementação* ou *adjunção* ao verbo e ao nome não é plenamente realizada, como no exemplo “[...] Os meninos têm *escripto*[Ø]?”

A Tabela 1 expõe os resultados das estratégias de referência à 2P em contextos de *complementação* e de *adjunção* por tipo de núcleo em suas três variantes analisadas: formas de *você*, formas de *tu* e realização *zero*. O que se pode observar é que, dos 202 dados, 81% (164) são projetados por núcleos verbais e 19% (38) projetados por núcleos nominais. Dos 164 acionados por núcleos verbais, 67% (110) são formas de *você*, 22% (36) são formas de *tu* e 11% (18) são realizações *zero*. Dos 38 dados acionados por núcleos nominais, 92,1% (35) são formas de *você*, 2,6% (01) forma de *tu* e 5,3% (02) de realização *zero*. A partir desses resultados, pode-se dizer que, em relação às formas de *tu* e à realização *zero*, há mais formas de *você* sendo usadas ao longo do século XX como estratégia de *complementação* e *adjunção* projetadas tanto por predicadores verbais como por nominais. Considerando apenas o *você*, dos 145 dados dessa forma, 110 são relacionados ao predicador verbal e apenas 35 ao predicador nominal, ou seja, os núcleos verbais são os principais gatilhos que acionam a forma inovadora, o que permite dizer que é no nível oracional a principal porta de entrada do *você não-sujeito*.

Tabela 1 - Estratégias de Referência à 2P em contextos de complementação e de adjunção

Tipos de Núcleo	Você	Tu	Zero
Verbal	110/164 (67%)	36/164 (22%)	18/164 (11%)
Nominal	35/38 (92,1%)	01/38 (2,6%)	02/38 (5,3%)
Total	145/202 (71,8%)	37/202 (18,3%)	20/202 (9,9%)

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Com o intuito de verificar as relações gramaticais mais favoráveis e as mais limitadoras à entrada da forma inovadora no sistema do PB, a Tabela 2 exhibe os resultados de *você não-sujeito* por função sintática (*acusativo*, *dativo*, *obliquo complemento* e *obliquo adjunto*) em conexão ao tipo de núcleo (*verbal* ou *nominal*). Das formas articuladas a núcleos nominais, 79% estão na função de *obliquo complemento* e 21% de *obliquo adjunto*. Das ativadas por verbos, 83% são *dativos* de 2P, seguido por 12% de *acusativos*, 3% de *obliquo adjunto* e 2% de *obliquo complemento*. Em outras palavras, as funções de *obliquo complemento* de nome e *dativo (objeto indireto)* de 2P associadas a verbos propiciam a entrada da forma inovadora.

Tabela 2 - Dados de 'você' (não-sujeito) por função sintática e tipo de núcleo (verbal ou nominal)

Tipos de Núcleo	Acusativo	Dativo	Oblíquo (compl.)	Oblíquo (adjunto)	Total
Nominal	-	-	30/38 (79%)	08/38 (21%)	38/202 (19%)
Verbal	20/164 (12%)	136/164 (83%)	03/164 (02%)	05/164 (03%)	164/202 (81%)
Total	20/202 (10%)	136/202 (67,3%)	33/202 (16,3%)	13/202 (6,4%)	202/202 (100%)

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Para confirmar ou não a hipótese do *paralelismo formal e semântico*, foi controlado o contexto precedente das formas em relação de *complementação e adjunção*. A Tabela 3 mostra que, nessa correlação, em 56% dos casos, o contexto precedente era realizado por formas de 3P (*se, o/a, lhe, seu/sua*), assim como revelam os resultados da pesquisa de Rumeu (2013) para o *você sujeito*. Em 15,2%, era primeira realização, ou seja, não havia nenhuma dessas possibilidades controladas na mesma sequência discursiva, posicionadas anteriormente à forma *você não-sujeito*, e 11% das ocorrências eram precedidas por *você sujeito*. Contrariando o que se esperava, o *você não-sujeito* precedido pelo *você* em outras funções sintáticas, diferentes da de *sujeito*, não se mostrou relevante para a realização da forma nesse contexto, aparecendo em apenas 08 das 145 ocorrências, ou seja, em apenas 5,5% das realizações.

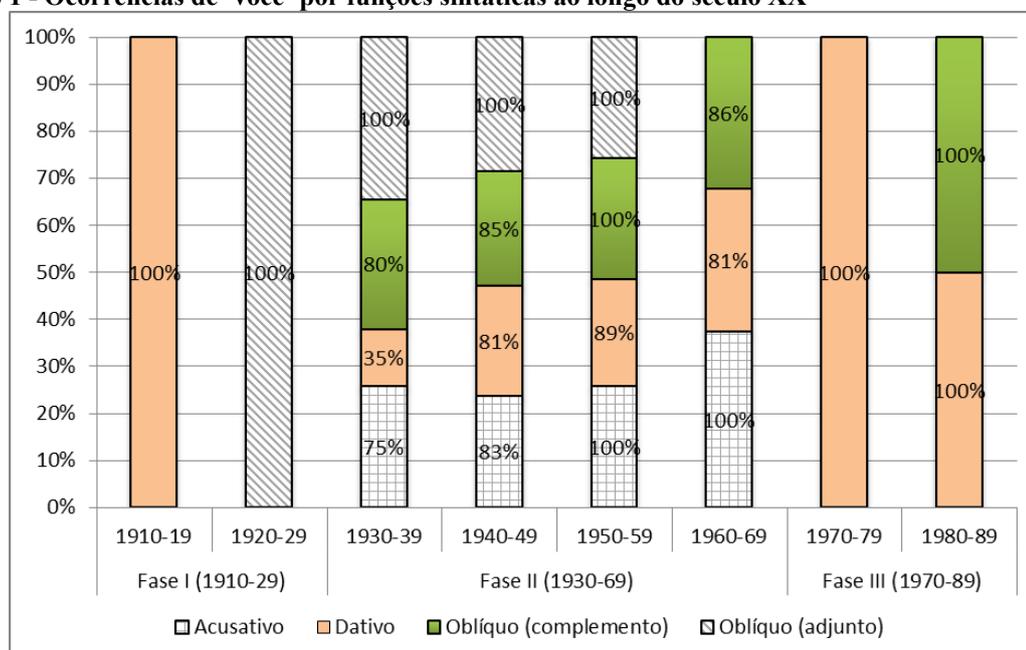
Tabela 3 - O 'você' (não-sujeito) correlacionado ao contexto antecedente (Paralelismo Formal e Semântico)

Contexto de ocorrência	Total
Primeira ocorrência	22/145 (15,2%)
Precedida por <i>você</i> na função de <i>sujeito</i>	16/145 (11%)
Precedida por <i>você</i> em outras funções sintáticas	08/145 (5,5%)
Precedida por <i>tu</i> na função de <i>sujeito</i> .	02/145 (1,3%)
Precedida por formas de 3P (<i>se, o/a, lhe, seu/sua</i>)	81/145 (56%)
Precedida por <i>vocês</i> (2P plural)	03/145 (02%)
Precedida por formas verbais imperativas construídas com o subjuntivo	13/145 (09%)
Total	145/202 (72%)

Fonte: Elaborada pelas autoras.

No que se refere às ocorrências de *você* complemento e adjunto no decorrer do século XX, dividiu-se os resultados em três fases, como se pode observar no Gráfico 1. Na primeira, provavelmente em função dos pouquíssimos dados coletados, as únicas funções que se evidenciam são as de *dativo* e *obliquo adjunto*. Na segunda fase, já é possível perceber uma ampliação dos contextos sintáticos em que o *você* aparece, ocorrendo nas funções de *acusativo*, *dativo*, e *obliquo (complemento e adjunto)*. Na terceira, assim como na primeira fase, o número de dados coletados foi mínimo, talvez por consequência disso essa variedade de contextos diminuiu. O *dativo* volta a aparecer com maior intensidade, mas ao lado do *obliquo complemento* e não mais do *obliquo adjunto*. Em uma visão geral, o período de maior ocorrência de *você* nas relações gramaticais controladas é na fase II, exatamente o mesmo período em que o *você* se insere com mais intensidade como pronome de 2P no sistema pronominal do PB, conforme resultados de Lopes e Cavalcante (2011) e Rumeu (2013). Contudo, a fase II é período com o maior número de cartas e, conseqüentemente, de dados coletados, o que exige cautela ao fazer tal afirmação. Entende-se que seja necessário ampliar o *corpus*, sobretudo nas fases I e II.

Gráfico 1 - Ocorrências de 'você' por funções sintáticas ao longo do século XX



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Conclusão

Em síntese, os resultados evidenciam que o *you não-sujeito* acessou o sistema do PB com mais intensidade pelas relações gramaticais de *complementação*, principalmente na função de *dativo* de 2P projetado por predicadores verbais.

Assim como os resultados de Rumeu (2013) evidenciaram a produtividade do *you* precedido por formas de 3P (*seu, lhe, você*), também os resultados desta análise para a hipótese do *paralelismo formal e semântico* demonstraram maior ocorrência de *you complemento* e *adjunto* precedido por formas de 3P, seguido por primeira ocorrência e por *you* na função de *sujeito*, conforme os estudos de Vianna e Lopes (2012) para o *a gente*.

O período de maior ocorrência de *you* nas relações gramaticais controladas (*acusativo, dativo, oblíquo*) é na fase II, justamente o período que o *you* se insere com mais intensidade como pronome de 2P no sistema pronominal do PB, de acordo com Lopes e Cavalcante (2011) e Rumeu (2013). Porém, o número de dados relativos às fases I e III é incipiente e exige que se tenha cautela a fazer tal afirmação, sendo necessário, portanto, ampliar o *corpus*, principalmente nessas fases.

Referências

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A perda do princípio 'Evite pronome' no português brasileiro*, 1995, 151f. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Estudos e Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. BAGNO, M.; SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, C. R. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*, 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Faculdade de Letras/UFRJ, Rio de Janeiro.

LOPES, Célia Regina dos Santos; CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de *you-sujeito* e retenção do clítico-te. *Linguística*, Madrid, vol. 25: 30-65, 2011.

MACHADO, Ana Carolina Morito. *As formas de tratamento no teatro brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. 2011, 217f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas)

Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Recife, UFPE, 2000.

MATEUS, Maria Helena Mira. *et al. Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de. *Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Centro de Ciências Humanas e Naturais/Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

OMENA, Nelize Pires de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: NARO, A. J. *et al. Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*. Rio de Janeiro, Ed. da UFRJ, V. 2, p. 286-319, 1986.

_____. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. *Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Ed. da UFRJ, p. 183-215, 1996.

_____. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. C. e DUARTE, M. E. L. (Orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 63-80, 2003.

PERES, Edenize. Ponzo. *O uso do você, ocê, cê em Belo Horizonte – um estudo em tempo aparente e em tempo real*. 2006, 247 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Língua e sociedade: a história do pronome 'Você' no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Itaca (FAPERJ), 2013.

SILVA, Érica Nascimento. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre*. 2012, 137f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SOUZA, Janaina Pedreira Fernandes de. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. 2012, 147f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas; LOPES, Célia Regina dos Santos. A competição entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador. *Caligrama*. 17 (2): 137-161, 2012.

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. 2011, 235f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin, University of Texas Press, 1968.